
São Paulo, 06 de fevereiro de 2009

Clima irregular desafia produtores do Paraná

As visitas realizadas recentemente no Paraná, principalmente nas regiões que estão com colheita de feijão em curso, como Castro e Tibaji, permitiram constatar que o clima irregular tem causado não apenas algumas perdas em lavouras, como também tem prejudicado a produtividade e qualidade dos grãos.

Em Castro, é possível encontrar lavouras em vários estágios. Algumas áreas que na última semana estavam secando perderam as condições de colheita por causa de dois dias de chuvas. Isso atrasou o arranque e levou à quebra de algumas lavouras, pois dependendo da umidade fica inviável a secagem dos grãos.

Ainda existe, porém, boa parte das lavouras em desenvolvimento e com floração. Mas, de acordo com a previsão do tempo, as expectativas continuam sendo de chuvas.

Os lotes ofertados até o momento tiveram de passar pelo secador. A umidade não dá condição de comercialização sem esse processo. A prática não só atrasa o envio de lotes para o mercado, como também altera a cor do produto, o que preocupa o produtor.

Diferentemente do que ocorreu no norte do Paraná, onde a lavoura quebrou por falta de chuva, o leste não sentiu esse problema porque o próprio clima já é úmido em função da região.

Essas regiões terão colheita até meados de março, mas na sequência serão reforçadas pela safrinha, cuja colheita pode se estender de abril a junho.

A preferência dos produtores na hora da semeadura está voltada para a semente juriti, que sofre uma depreciação de mercado em relação a outras como iapar, pérola e rubi. Tal problema, no entanto, é compensado pela produtividade e pela maior resistência em tratamentos culturais com combate a pragas. Outro ponto esclarecido pelo produtor é que a juriti favorece também na cor e nas condições de armazenamento, se comparada a outras sementes. O resultado é que seu valor comercial é compensador.

Com o mercado bem abastecido nessa região, com colheitas realizadas ainda no período de dezembro, alguns produtores e atravessadores mantêm estoque dessas mercadorias, que lentamente vão sendo ofertadas ao mercado. Muitos produtores estão desanimados, pois apostaram em melhor condição de venda, acompanhando o reflexo dos negócios ao longo de 2008, o que não aconteceu. A região conta não só com feijão no pé, como também nos armazéns.

Na região de Arapoti, a preocupação está voltada ao clima, pois a semeadura teve início há pouco mais de 30 dias. Segundo produtores, porém, o que chamou a atenção foi a escolha da semente rubi. Eles informaram que a questão principal são os ganhos, pois é um produto de fácil aceitação, pela sua cor (branquinho).

A colheita nessa região está prevista para o início de março, e até lá os períodos de chuva estarão bem reduzidos, ficando apenas a preocupação com baixas temperaturas, já que também haverá lavouras em início de plantio (safrinha), podendo se estender até abril ou maio. Nessa



NOTÍCIAS DO CAMPO

Ano I - edição nº 03 Fev/2009

região estima-se uma área plantada entre 4,5 mil e 5 mil hectares entre os municípios de Wenceslau Braz, Itararé, Carambeí e Corlopolis.

Regiões como Goiás e Minas Gerais também estão colhendo, porém, em pequena escala, pois o pico esperado deve ocorrer na segunda quinzena de fevereiro. Em Minas Gerais, os municípios são Lagoa Formosa, Patos de Minas, Ibiá, Araxá, Patrocínio e vizinhos. Em Goiás, a produção se concentra nos municípios de atuação da Cooperativa Agrícola do Distrito Federal (Coopadef), que envolve Cristalina e também cidades mineiras como Paracatu e Unaí.

Análise de Mercado

Desde o início de janeiro, o mercado vem sofrendo forte pressão para evoluir de preço. É preciso lembrar, no entanto, que durante o período festivo ocorreram desencontros de informações e muitos lotes foram armazenados na tentativa de se alcançar valores acima de R\$ 130 a saca.

Atravessadores e produtores chegaram a realizar alguns negócios nesses níveis. Mas de lá para cá os preços sofreram sucessivas quedas até atingir o patamar de R\$ 105 – 110 para um produto considerado extra.

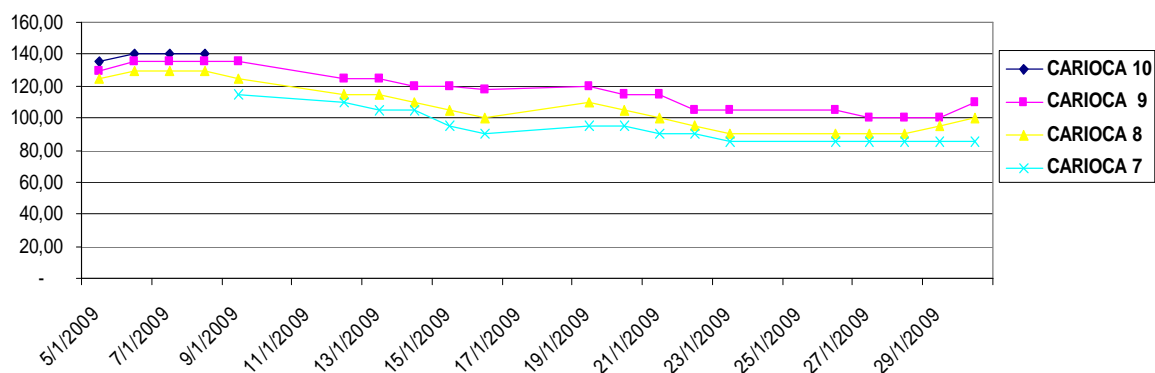
A excessiva oferta de mercadoria comercial tem puxado os preços e desanimados os vendedores. Em uma tentativa de aproveitar os níveis alcançados, ofertaram ao mesmo tempo uma quantidade expressiva, mostrando para o mercado o seu real estoque.

Por outro lado, os empacotadores continuaram sua reposição, porém, em pequena escala, diminuindo as negociações durante os leilões.

As tentativas de enxugar as ofertas rapidamente inverteram os papéis e os vendedores passaram a oferecer o produto, atuando diretamente com transparência na oferta. Diante do alto nível das ofertas, e com tendência ainda de aumento, o mercado poderá enfrentar ainda mais mudanças à medida que chegarem produtos de novas regiões, o que já é esperado para a próxima quinzena.

O que podemos concluir da atual situação é que o mercado ainda detém muita mercadoria em estoque. O principal problema foram os preços pagos na época de colheita. Quem detém estes estoques passou por situações rápidas de lucros, que em seguida vieram a empatar e que agora geram prejuízo. Tal situação justifica a estabilidade nos preços até o momento, já que as indicações de queda são fortes, e a cada dia é esperado um número maior de ofertas.

**Acompanhe no gráfico a evolução dos preços em janeiro:
Valores para preço em saca c/ 60 kg – valores em R\$**



Fonte: Negócios & Mercado

Redação: Helder Lima
Fonte: Negócios & Mercado